

ARQUIVOS PRECÁRIOS



RUTH MATEUS-BERR & PIA SCHARLER



DA MEMÓRIA

ARQUIVOS PRECÁRIOS

RUTH MATEUS-BERR & PIA SCHARLER

30.9.2025—15.1.2026

Centro de Arte Contemporânea Quinta
da Cruz, Viseu

E-ISBN: 978-989-35887-3-4

DOI: 10.64493/3510arpr



MUNICÍPIO DE
VISEU



QUINTA
DA CRUZ
centro de arte contemporânea



di:angewandte
Universität für angewandte Kunst Wien
University of Applied Arts Vienna



FWF

Der Wissenschaftsfonds

Project AR-609 funded by
PEEK, a program of the
Austrian Science Fund FWF

DA MEMÓRIA

ARQUIVOS PRECÁRIOS DA MEMÓRIA

RUTH MATEUS-BERR & PIA SCHARLER

Nesta exposição apresentam-se obras de duas artistas austríacas: Ruth Mateus-Berr e Pia Scharler.

O texto seguinte introduz o trabalho de Ruth Mateus-Berr; em seguida será apresentado o de Pia Scharler.

RUTH MATEUS-BERR

A mostra Arquivos precários da memória reúne dois núcleos centrais da obra de Ruth Mateus-Berr: as séries de Florilégios e o Arquivo das Confusões. Ambos recorrem ao princípio do arquivo – não como um repositório estático, mas como uma teia aberta e frágil de memórias, significados e conexões.

Os Florilégios abrangem três séries distintas: Plantas raras (pintura a óleo), Nostalgia floral com atitude (pintura a óleo) e Contexto-Colonial (aguarela). Partem da tradição dos suntuosos livros de plantas da Renascença, mas expandem-na com perspectivas contemporâneas. Espécies ameaçadas surgem em óleo e aguarela, descoloridas, no limiar entre vida e desaparecimento. Motivos clássicos de natureza-morta cruzam-se com alusões pop-culturais, estéticas digitais e detalhes simbólicos subtis. As ramificações delicadas das raízes evocam estruturas neuronais – um lembrete de

que tanto a natureza como o cérebro humano dependem de redes de comunicação e de interdependência. Assim, os florilégios tornam-se arquivos visuais que entrelaçam fragilidade ecológica e memória cultural. Na série de obras aqui exposta são mostradas principalmente plantas ameaçadas em Portugal. O ciclo em si abrange plantas ameaçadas de várias regiões do mundo.

O Arquivo das Confusões, desenvolvido no âmbito de projetos de investigação artística, investiga experiências de orientação e desorientação. Centenas de pessoas com e sem demência desenharam as suas representações de confusão e clareza. Estas imagens foram transformadas digitalmente, analisadas artisticamente e ampliadas em formatos interativos. Uma projeção condensa todos os contributos num fluxo imagético que revela como percepções se aproximam, se sobrepõem e se diferenciam – um arquivo coletivo em movimento.

Entre os Florilégios e o Arquivo das Confusões emerge um espaço de ressonância: raízes e neurónios, folhas e sinapses, corpos vegetais e consciência humana refletem-se mutuamente na sua vulnerabilidade. Ambos os conjuntos de obras demonstram que a memória nunca é estável, mas sempre

precária – ameaçada pelo esquecimento, pelas crises ecológicas e pela doença. E, no entanto, abrem uma esperança poética: a de que, ao partilhar, tornar visível e transmitir, possa nascer uma outra memória, comum e plural.

PIA SCHARLER

Precarious Archives of Memory mostra duas obras de Pia Scharler: a série Nature is the Artist e a NV23 (Non-verbal table). Nature is the Artist baseia-se na ideia das estações austríacas. Doze obras de arte conhecidas foram selecionadas e recriadas com materiais da natureza austríaca no mês correspondente. Biólogos que trabalham para a Floresta Austríaca (Österreichische Bundesforste) recolheram muitos sacos de folhas, galhos, cascas, cogumelos, flores, solo, pedras, comedouros, peles e bagas. A montagem para recriar essas obras de arte foi feita no estúdio de Craig Dillon, o fotógrafo que capturou as recriações. A produção foi capturada e pode ser vista usando o aplicativo Artivive. Baixe o aplicativo e segure a câmara do seu celular sobre a obra de arte, um vídeo aparecerá e você poderá assistir à criação completa. Para a exposição Precarious Archives of Memory, três obras foram selecio-

nadas para serem exibidas: Arquivo de janeiro por Egon Schiele, Arquivo de agosto por Vincent van Gogh e Arquivo de novembro por Caspar David Friedrich.

O NV23, desenvolvido como parte do projeto de investigação artística DEMEDARTS. Pia Scharler reconheceu que uma superfície interativa poderia ser útil para interações não verbais. O projeto já passou por várias fases, desde pequenos protótipos destinados a serem usados na cama ou em cadeiras de rodas até superfícies maiores instaladas em museus. Os objetos colocados na superfície podem despertar interpretações imaginativas que podem levar a histórias completas. Outros objetos podem despertar criações sonoras e testes de diferentes materiais táteis. A coleção de objetos foi concebida para ser adaptada à pessoa que usa a superfície, diferentemente do ambiente da galeria, onde o objetivo é mostrar as possibilidades.

RUTH MATEUS-BERR

Florilégios abrangem três séries distintas: Plantas raras (pintura a óleo), Nostalgia floral com atitude (pintura a óleo) e Contexto-Colonial (aguarela).

Florilégios imagéticos foram, desde o Renascimento, muito mais do que compêndios de história natural. Nos magníficos livros de plantas uniam-se precisão científica, saber médico/farmacêutico e criação artística numa verdadeira “colheita de flores” da natureza e da cultura. Documentavam a diversidade botânica, serviam ao ensino e à investigação, mas eram também sinais de erudição e de estatuto social. Na sua dupla função de reservatórios de conhecimento e de objetos de representação, encenavam a planta simultaneamente como beleza preciosa e como símbolo da transitoriedade.

Na atualidade, o princípio do florilégio conhece uma nova viragem: já não são a abundância e a ordem da natureza que ocupam o centro, mas sim a sua fragilidade. Nesta obra, espécies vegetais ameaçadas surgem em primeiro plano – representadas nas cores que assumem quando, no processo de morrer, já não produzem clorofila. Estas representações aparecem como contemporâneos memento mori, como marcos da finitude e da vulnerabilidade da vida vegetal. Ao mesmo tempo, algumas citações visuais inten-

samente coloridas na exposição retomam a tradição da pintura holandesa. A natureza-morta, que nos séculos XVI e XVII surgiu como expressão de virtuosismo artístico e simultaneamente como símbolo da Vanitas, não é aqui apenas referência formal, mas espaço de ressonância histórica.

As naturezas-mortas dessa época demonstravam riqueza e abundância, exibiam frutos importados, flores exóticas e mercadorias preciosas – estando assim indissociavelmente ligadas às redes comerciais e às estruturas de poder da colonização. Igualmente significativa era a pintura de retrato daquela época, que encenava o indivíduo em pose representativa, tornando visíveis identidade, posição social e ideais de virtude. Os retratos funcionavam como expressão de presença pessoal e de estatuto social, frequentemente enriquecidos por símbolos, roupas e acessórios que ilustravam origem, educação ou poder.

Ciclo de obras: Florilégios / série de pinturas: Contexto-Colonial

A exposição abre, a este propósito, uma série de espaços de associação. O Retrato de uma jovem dama (c. 1470) de Petrus Christus surge em nova forma como “Senhora de Verde”, adornada com o ameaçado *Antirrhinum lopesianum* (Dragão-das-Arribas, Plantaginaceae) de Portugal, do qual

brota, do seu chapéu, o igualmente ameaçado *Onosma tricerasperma* subsp. *tricerasperma*. Um colar cita o meme do grito de Inosuke Brendon, ligando assim o modelo histórico a uma referência à cultura visual digital. A figura é complementada por um broche vegetal que remete para a *Anadenanthera colubrina* (Leguminosae), espécie proveniente de uma antiga colónia holandesa, posteriormente portuguesa, no Brasil, que floresce apenas na estação seca.

Estas interligações entre planta, imagem e símbolo abrem o olhar para a responsabilidade de ontem e de hoje: para com a natureza, para com as atribuições culturais de sentido e para com a confrontação com a história colonial. Os florilégios tornam-se aqui arquivos imagéticos abertos, que relacionam passado e presente, memória e advertência ao mesmo tempo.

Outro exemplo é a obra inspirada em Franz Hals (1580–1666): *Jovem com caveira na mão*, *Vanitas* (1626–1628), do chapéu do qual brota, em vez de uma pena, a planta ameaçada em Portugal: *Hyoscyamus niger* (Meimendro-Negro). Em fundo, surgem plantas ameaçadas do Brasil, entre outras da região da antiga colónia holandesa, mais tarde portuguesa (hoje em parte Caatinga, região de Pernambuco, BR): da esquerda para a direita: *Marsdenia pickelii* sob *Swartzia pickelii*; abaixo: *Apuleia leiocarpa*; em cima: *Apheland-*

ra nuda, ao lado *Annona pickelii*.

Outra obra (*Ganância*) inspira-se em Franz Hals: *Malle Babbe* de 1640, misturada com um oficial do Banquete dos oficiais da milícia cívica de São Jorge de 1627, que tenta engolir uma rara planta portuguesa – a *Florinda-dos-brejos* (*Epipactis palustris*) – que, ao fazê-lo, transforma-se numa hélice. O *Cereus jamacaru* do Caatinga não está ameaçado; é uma imagem-memória do passado colonial, que aguarda ser pendurada ou deixada no lugar.

**CICLO DE OBRAS: FLORILÉGIOS /
SÉRIE DE PINTURAS: CONTEXTO-COLONIAL**



Senhora de Verde

2025 · Aquarela sobre papel · 21,0 × 29,7 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Ganância

2025 · Aquarela sobre papel · 21,0 × 29,7 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Instante da memória

2025 · Aquarela sobre papel · 21,0 × 29,7 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr

Ciclo de obras: Florilégios / série de pinturas: Nostalgia floral com atitude
Meio: Pintura a óleo em realismo irônico-nostálgico
Linaria 1997

Esta natureza-morta bem-humorada combina a delicada pintura clássica a óleo com o humor da cultura pop. No centro da obra encontra-se uma representação estilizada da rara *Linaria amethystea* – também conhecida como *amethyst toadflax* ou *linarinha-ametista* – uma planta silvestre delicada, nativa das regiões do sul de Portugal. A flor ostenta óculos de sol pixelizados, dos quais irrompe um feixe de luz em arco-íris – uma alusão divertida à estética pop digital dos anos 90.

Um Tamagotchi retro repousa sobre um suave tecido de seda em tons pastéis, ornado com um subtil padrão pixelizado – discreto o bastante para não desviar a atenção da estrela floral. O diálogo entre botânica nostálgica e tecnologia icónica cria um contraste lúdico entre natureza e cultura da memória.

Categoria: Pop-Realismo Contemporâneo encontra Natureza-Morta

No meio do ruído

Sobre fundo negro profundo desdobra-se uma flor branca imaculada – à primeira vista símbolo de pureza, naturalidade e beleza. Mas, a um olhar mais atento, a obra desfaz intencionalmente esta seriedade: a cena joga

com a estética do lifestyle, da cultura do filtro e da ânsia por autenticidade. A flor parece quase um avatar perfeito de rede social, pronta para brilhar no feed infinito.

Ao mesmo tempo, abre uma segunda camada mais silenciosa: recorda a fragilidade do nosso ambiente. Espécies como a *Tubularia guttata* (tubarária-malhada) e o *Lucanus cervus* (escaravelho-veado) estão em risco agudo em Portugal. O escaravelho depende de árvores cujo lenho é decomposto pela podridão-branca – processo em que a lignina é degradada e que é vital para a sua sobrevivência. Tais detalhes remetem para as finas, muitas vezes invisíveis, interdependências dentro dos sistemas naturais – e para a rapidez com que esses ciclos podem ruir. Estas duas camadas – lifestyle e base da vida – encontram-se aqui. Enquanto pregamos sustentabilidade, bebemos bubble tea em copos de plástico; publicamos atenção plena, enquanto ecossistemas frágeis desaparecem em silêncio. A obra convida a sorrir perante essas contradições, sem moralismo. Recusa respostas fáceis e deixa espaço para a ambivalência: entre beleza e ameaça, autoencenação e realidade.

Equilíbrio botânico

Como a lembrança de um dia de verão esquecido, ergue-se a *Rhaponticum exaltum* em serena graça, emergindo de um mar de luz e textura. As suas pétalas marcantes, traçadas com deli-

cadeza, parecem oscilar entre realidade e sonho – um poema botânico em branco.

Em torno do caule envolve-se uma fita de cetim suave, quase como um gesto de dedicação. Ao redor, pétalas dispersas e pérolas baças repousam sobre um tecido macio – como se o tempo e o vento as tivessem deixado ali. Cortinas em tons pastéis no fundo enquadram a cena como palco do efémero, onde beleza, silêncio e memória sussurram entre si.

Uma obra plena de simbologia suave, que não grita, mas ressoa longamente – como o último perfume de um jardim desabrochado.

À sombra da memória

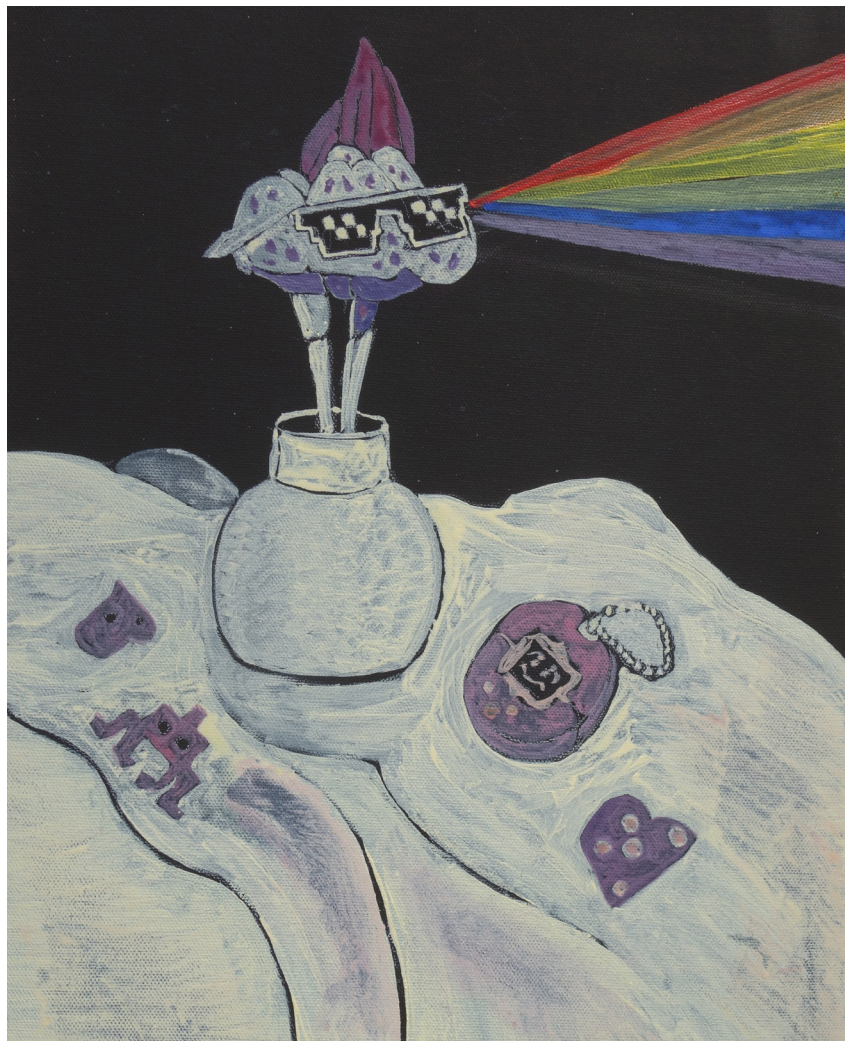
Nesta composição de natureza-morta em tons pastéis, a *Nigella papillosa* – conhecida como “noiva africana” ou “erva-dos-namorados” – ocupa o centro de uma representação contemplativa, cheia de serenidade e simbologia subtil. A flor ergue-se de um copo lapidado, envolta em suaves nuances azuladas, que conferem à obra uma atmosfera calma, quase onírica.

A ausência de cores quentes acentua a elegância fria da cena. A flor, com suas folhas finíssimas e cápsula de sementes esférica, assemelha-se a um relicário botânico de outro tempo. A sua representação equilibra precisão científica e contenção emocional. Em primeiro plano repousam um gancho de cabelo, um colar de pérolas

e uma borboleta – detalhes aparentemente casuais, mas carregados de simbolismo: joias da memória, sinais de feminilidade, transformação e efemeridade.

A paleta reduzida, o trabalho minucioso e a luz tranquila conferem à obra uma aura de intimidade e reflexão. É uma pintura sobre os tons subtis, o não-espetacular – e a grande beleza que neles se oculta. Ciclo de obras: Nostalgia floral com atitude

CICLO DE OBRAS: FLORILÉGIOS /
SÉRIE DE PINTURAS: NOSTALGIA FLORAL COM ATITUDE



Linaria 1997
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



No meio do ruído
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Equilíbrio botânico

2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr

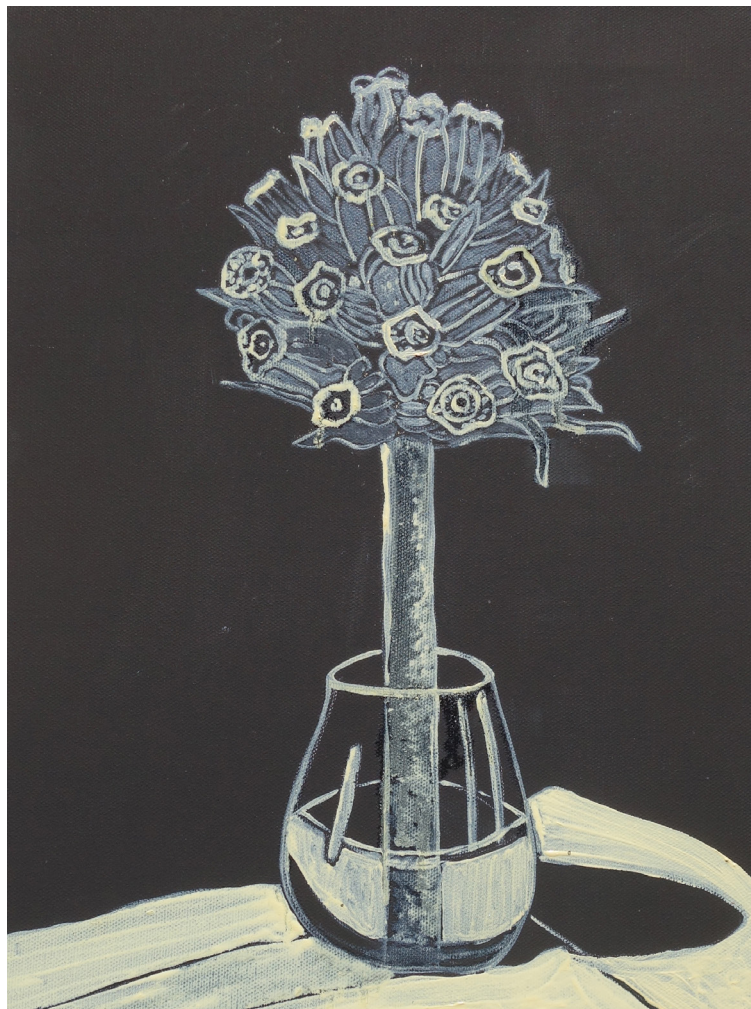


À sombra da memória

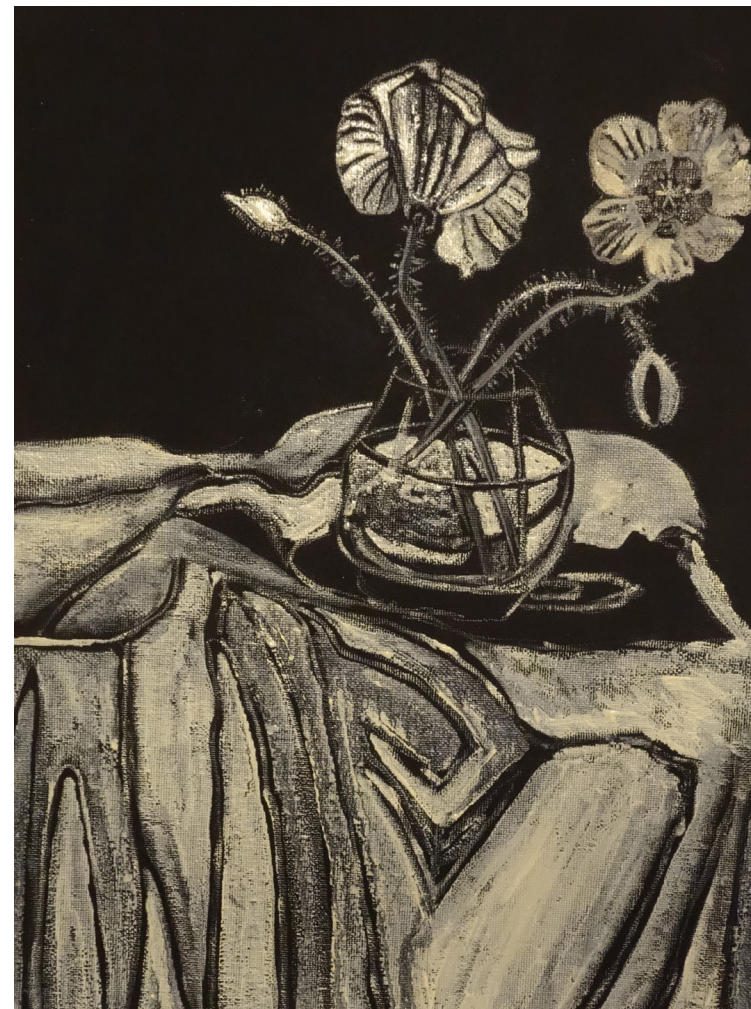
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr

**CICLO DE OBRAS: FLORILÉGIOS /
SÉRIE DE PINTURAS: PLANTAS RARAS**



Escabiosa-dos-pauis (*Succisella carvalhoana*)
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Papoila-comum (*Papaver rhoeas*)
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Campânula-das-Açores (*Azorina vidalii*)

2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 × 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Orquídea-homens-enforcados (*Orchis anthropophora*)

2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 × 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Noiva africana (*Nigella papillosa*)
2025 · Óleo sobre tela · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Tubarária-malhada (*Tubararia guttata*)
2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 x 40 cm
Artista: Ruth Mateus-Berr



Flor-de-xadrez (*Fritillaria meleagris*)

2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 × 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Erva-lama galesa (*Limosella australis*)

2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 × 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Sálvia-dos-prados (*Salvia pratensis*)

2024 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 x 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Genciana (*Gentiana*)

2025 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 x 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr



Amoreira-brava / Shadbush (Amelanchier)

2024 · Óleo sobre madeira

Artista: Ruth Mateus-Berr



Feto-trevo & Feto-serpentina 2 (Asplenium fosteri & Marsilea quadrifida)

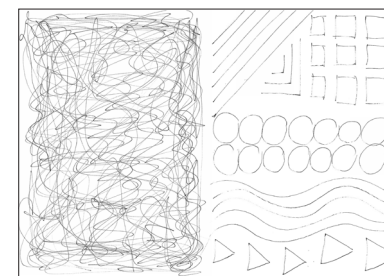
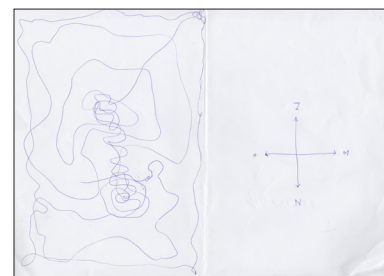
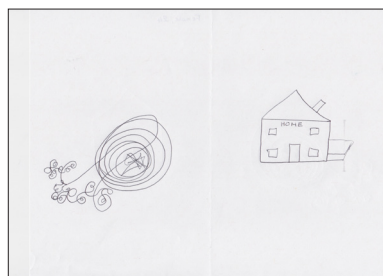
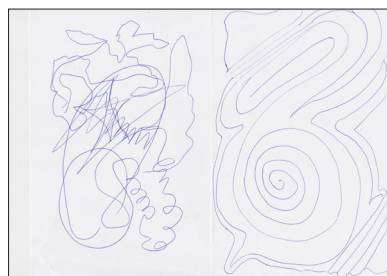
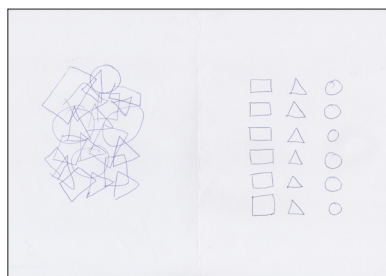
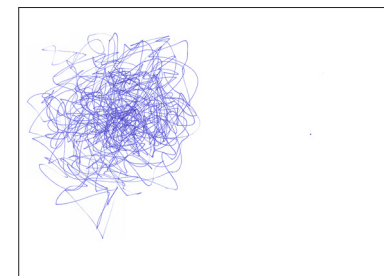
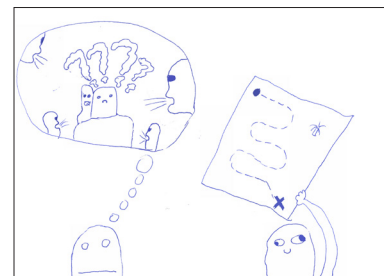
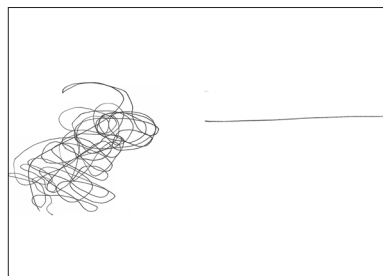
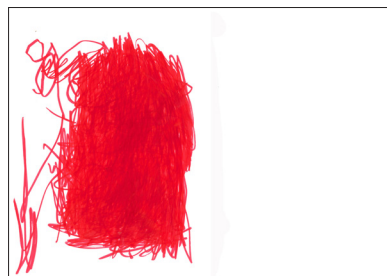
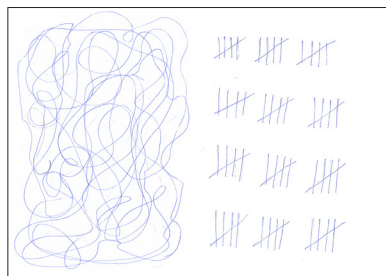
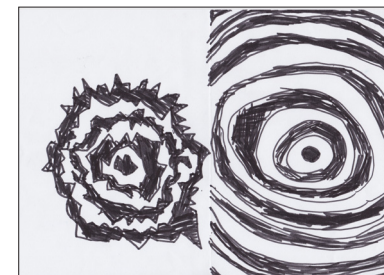
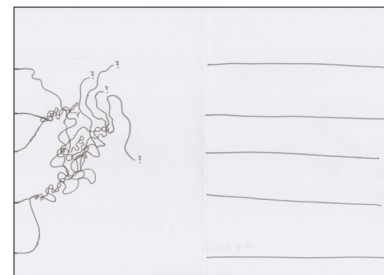
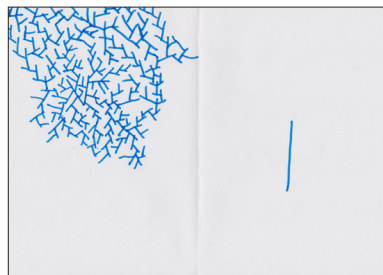
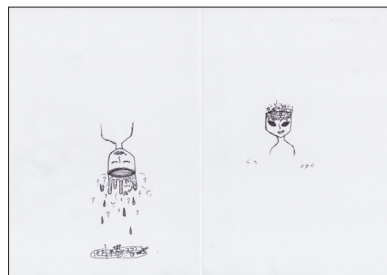
2024 · Óleo sobre placa de pintura (MDF, 250 g/m² algodão) · 30 x 40 cm

Artista: Ruth Mateus-Berr

Nota: O Feto-trevo é uma planta protegida na Áustria (Estíria).

Nota: O Feto-serpentina é uma planta protegida na Áustria (Burgenland).

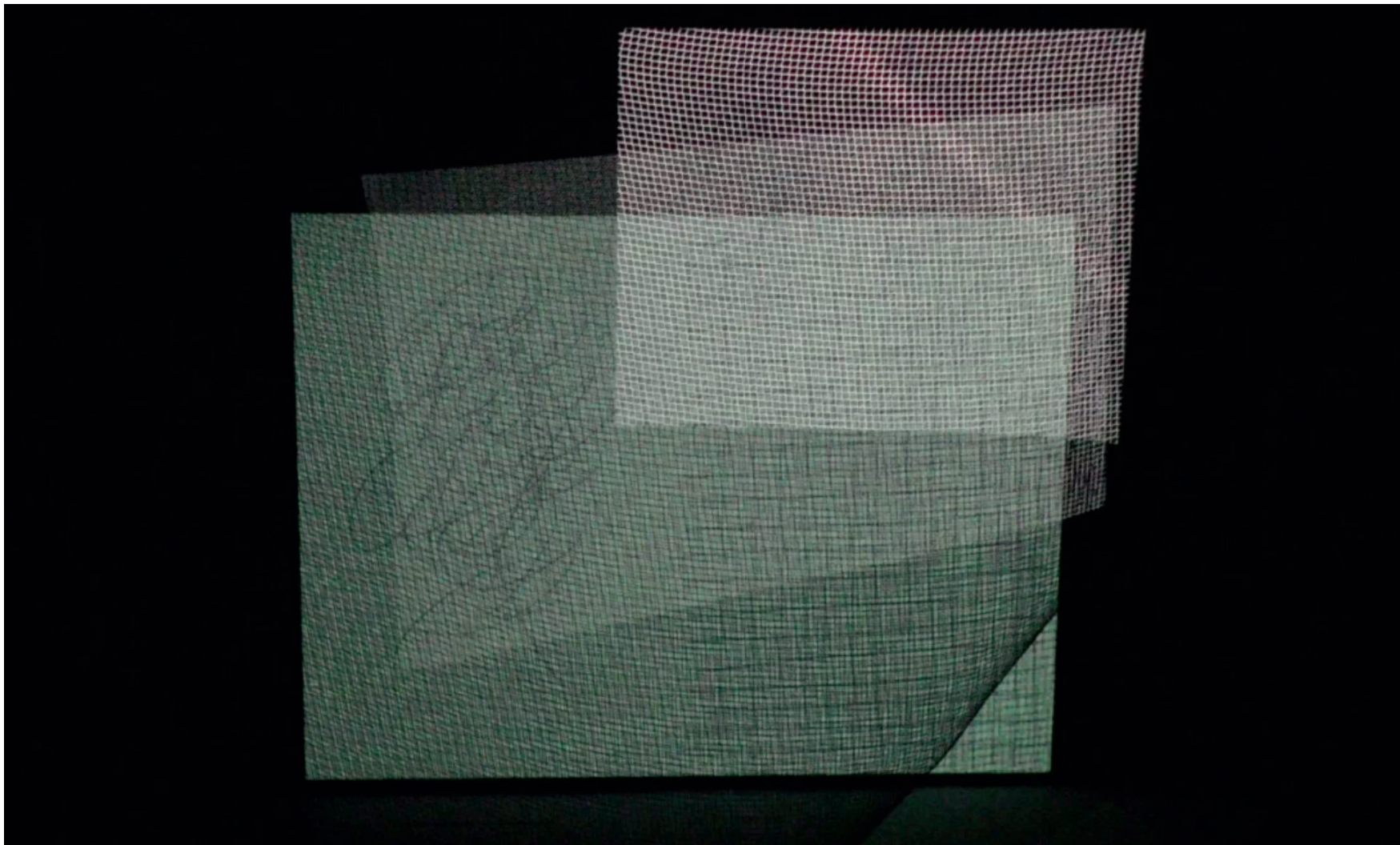
CICLO DE OBRAS: ARQUIVO DAS CONFUSÕES



2016–2024 • Desenhos sobre papel • 29,7 × 42,0 cm

Conceito: Ruth Mateus-Berr

Exemplos de trabalho: participantes de workshops e exposições (com o respetivo consentimento)



2016–2024 · Filme morfado (a partir de cerca de 500 originais de pessoas entre 3 e 103 anos na Áustria, Alemanha, Suíça e Canadá)

Conceito: Ruth Mateus-Berr

Exemplos de trabalho: participantes de workshops e exposições (com o respetivo consentimento)



NV23

2023 – 80 × 80 × 5 cm

Material: paisagem esculpida em madeira, bolas metálicas

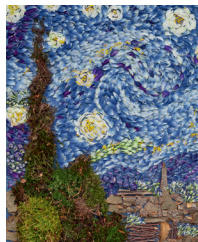
Artista: Pia Scharler

NV 23 é uma superfície de interação não verbal. Oferece um local para interagir com objetos de diferentes formas, pesos e materiais em ambientes sem regras. Destina-se a situações em que familiares visitam os seus idosos em lares e não querem falar sobre o tempo ou estão cansados de interações repetitivas. A mesa está disponível na área do café e permite trazer objetos sazonais, objetos de memória ou materiais queridos. Com esses objetos, as pessoas podem encenar, apertar os objetos ou simplesmente deixá-los vagar pela superfície da mesa. Podem ser inventadas histórias sobre os objetos e suas possíveis interações. Tudo é permitido, ninguém é prejudicado e não há regras.



Arquivo de janeiro até Egon Schiele

Árida, crua e com cores suaves, como no autorretrato de Egon Schiele, a natureza aparece agora em janeiro na Áustria. No entanto, há muito para descobrir: por exemplo, se vir líquenes agarrados a troncos de árvores ou pedras, respire fundo. Eles só crescem onde a qualidade do ar é particularmente boa. Os fungos das árvores, por outro lado, são um indicador de árvores velhas e podres. Embora já não sejam tão atraentes do ponto de vista florestal, proporcionam um habitat e um abrigo de inverno para inúmeros pequenos habitantes da floresta. O que mais está a acontecer? Há muito trabalho a ser feito na floresta neste momento — o inverno é uma boa época para a colheita de madeira. As árvores estão agora dormentes. Além disso, o solo congelado é uma base melhor para máquinas pesadas. As florestas austríacas também estão ocupadas com o trabalho de colheita — e estão a deixar galhos restantes na floresta. Com o tempo, os fungos das árvores e outros microrganismos



os decompõem em húmus valioso. E assim criam a base para uma nova vida na floresta. Como a árvore apareceu no rosto e o que há para saber sobre o autorretrato de Schiele com a cabeça baixa (1912) pode ser visto na aplicação Artivive. Digitalize agora!

Arquivo de agosto até Vincent van Gogh

Enquanto pensamos no céu, aqui vai um aviso importante sobre uma planta que o ilustra: o acónito azul (a mais escura das flores azuis) é uma das plantas mais venenosas da Áustria. Ela cresce principalmente em altitudes elevadas e é muito fácil de reconhecer, pois os animais que pastam comem quase todas as outras plantas, mas, inteligentemente, deixam essa de lado. Por falar em comer: os esquilos já estão a trabalhar nas suas silhuetas de inverno. No entanto, eles fazem isso apenas de forma passiva: recolhem nozes e faia e escondem-nas debaixo da terra. Para mais tarde, quando real-



mente ficar mais frio lá fora. Quando Van Gogh pintou a sua obra Noite Estrelada, em 1889, ainda era dia lá fora. É possível ver passo a passo como era isso na aplicação Artivive.

Arquivo de novembro até Caspar David Friedrich

Descobrir a natureza a pé pode ser uma aventura maravilhosa, como provavelmente pensou Caspar David Friedrich quando enviou o Wanderer acima do Mar de Nevoeiro. A natureza é particularmente mística nesta época do ano, quando as cores lá fora se tornam novamente mais opacas. Uma criatura que permanece presente mesmo agora é um habitante muito especial das florestas austríacas — a clematite comum. É a única liana nativa que se enrosca até ao topo de todas as espécies de árvores. Tem um aspeto fantástico e um cheiro especial: os frutos que se podem ver aqui, com o seu cheiro a peixe, lembram mais o mar do que a floresta. Com Caspar David Friedrich e o seu

Wanderer über dem Nebelmeer (1818), a aplicação Artivive leva-nos para a próxima aventura.

Pia Scharler estudou design industrial e design gráfico e trabalha na Universidade de Artes Aplicadas de Viena. Ela é diretora de arte e narrativa visual da Wald Verlag.

Craig Dillon nasceu em Sunderland, Inglaterra, e vive na Áustria desde 1997. Como fotógrafo, ele confere às suas imagens de natureza morta e comida uma magia que parece desafiar a gravidade. Ele leciona na Die Graphische, em Viena.



Arquivo de janeiro até Egon Schiele
 2023 · Colagem · 60 × 80 cm
 Artista: Pia Scharler & Craig Dillon



Arquivo de agosto até Vincent van Gogh
 2023 · Colagem · 60 × 80 cm
 Artista: Pia Scharler & Craig Dillon



Arquivo de novembro através de Caspar David Friedrich

2023 · Colagem · 60 × 80 cm

Artista: Pia Scharler & Craig Dillon

Ruth Mateus-Berr

é uma artista contemporânea austríaca pós-conceptual. Ela pinta, desenha, escreve, fotografa e cria instalações, filmes e objetos com uma abordagem reflexiva e provocativa. Os seus métodos são frequentemente participativos. Desde a década de 1990, a professora universitária, que estudou na Universidade de Artes Aplicadas de Viena, onde também leciona, realiza projetos nos quais, através da pintura e performances, chama a atenção para o fortalecimento dos povos indígenas da região amazônica do Brasil, como uma autorreflexão sobre nós mesmos como seres humanos no reconhecimento das coisas nas pinturas, como guardião de mensagens de texto e cartas de amor, como designer e performer de jogos de poder gamificados, seguindo as abordagens de, entre outros, Bourdieu, como correspondente empática e investigadora artística sobre temas de saúde (design de processos de comunicação médica, cancro infantil, demência, solidão, velhice), como criadora de objetos de design críticos para sensibilizar pessoas com demência e dar-lhes voz, como ativista pela democracia, contra o racismo e o antissemitismo, como designer de temas urbanos relacionados com memórias, plantas, redução de CO2/sustentabilidade e conflitos na população (política do medo), designer de instalações táteis e olfativas, como o jardim zen dos cafés vienenses ou um pêndulo de sons e ruídos na Catedral de Santo Estêvão, em Viena, embaixadora científica da importância da água, artista participativa em temas como democracia e coragem. Saúde, doença, relações românticas, poder (abuso), ambiente, impotência e vulnerabilidade tornaram-se temas recorrentes. Mateus-Berr participou de exposições em instituições como a Künstlerhaus Wien, o Wien Museum MUSA, o Museum für Angewandte Kunst MAK em Viena, a Bienal de Veneza no Palazzo Mora, no Ausstellungsquartier 798 em Pequim, e suas obras podem ser encontradas em coleções da Universidade de Artes Aplicadas e em coleções particulares. Em 2022, representou o seu Centro de Didática para a Arte e Ensino Interdisciplinar na Bienal de Veneza, no Centro Cultural Europeu de Veneza. Em 2024, expôs juntamente com Pia Scharler no Arte Laguna Prize, no Arsenale Nord, em Veneza.

www.theartresearcher.com
www.demedarts.com

Pia Scharler

é uma designer e investigadora artística austríaca. Ela desenha, concebe, cria conceitos, exposições, workshops e objetos. Os seus métodos são geralmente baseados numa abordagem haitiana ou olfativa. Fundou o seu estúdio em 2014 e, desde 2019, trabalha na Universidade de Artes Aplicadas de Viena. Estudou Design Gráfico com Oliver Kartak e Design Industrial com Paolo Piva. Em conjunto com Ruth Mateus-Berr, investiga na universidade nas áreas da saúde, bem-estar e demência. Através da investigação artística, explora-se um amplo leque de abordagens. Objetos de design crítico, como andadores modificados, são usados como quebra-gelo para tabus sociais. Encenações como desfiles em grandes cidades permitem uma maior mistura de contactos do público-alvo e permitem que vozes de uma classe social em envelhecimento sejam ouvidas. A relação entre os nossos sentidos (tato, olfato, audição, paladar) e as memórias é um tema central para ela. Scharler participou em exposições em instituições como a Künstlerhaus Wien, o Museu de Artes Aplicadas MAK em Viena, o Centro Cultural Europeu em Veneza no Palazzo Mora e o Festival de Fotografia La Gacilly Baden. Em 2024, expôs juntamente com Ruth Mateus-Berr no Prémio Arte Laguna no Arsenale Nord em Veneza.

www.getusedto.it
www.piascharler.com
www.demedarts.com

E-ISBN: 978-989-35887-3-4

DOI: 10.64493/3510arpr